

Colocação pronominal à luz da Sociolinguística Educacional: o caso proclítico em gêneros textuais da esfera cotidiana

Pronominal placement according to Educational Sociolinguistics: the proclitic case in textual genres of the everyday sphere

Kauana Scabori¹, Flávia Pereira Serra²,
João Carlos Domingues dos Santos Rodrigues³

Resumo

A adequação aos casos de ênclise no Português Brasileiro, doravante citado PB, tem demonstrado assumir uma mudança proclítica mesmo diante de contextos que requerem o uso do pronome na forma enclítica. Fato este demonstrado por estudos, como os de Mattos e Silva (2004), e Vieira (2013), que se detêm à referida ‘mudança linguística’. O caso da colocação pronominal passa pelo regimento da normativa canônica, imposta pela gramática do século XVI, que culmina em unidades didáticas distantes da realidade linguística dos discentes (BORTONI-RICARDO, 2005; FARACO, 2008). O artigo ampara-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Educacional e na Pedagogia da Variação Linguística (FARACO, 2008; VIEIRA, 2019). Isso posto, este texto científico, motivado pela problemática citada, visa, em uma perspectiva geral, analisar se existe vitalidade à próclise, mesóclise e ênclise em textos da Norma Culta do PB em distintos gêneros textuais. Para tanto, os objetivos específicos consistem em: (i) verificar a colocação pronominal em textos conforme os gêneros Artigo de Opinião, Charge, Entrevista, Notícia, Propaganda e Tirinha; (ii) investigar se existe elevada produtividade à colocação pronominal em contexto de próclise; (iii) expor os resultados obtidos em gráficos; e (iv) apresentar uma proposta de unidade didática tendo a colocação e a mudança pronominal do PB como eixo norteador. Em razão a alcançar aos objetivos postos, a metodologia do artigo consiste na pesquisa de natureza quali-quantitativa descritiva, em que se considera a posição de pronomes clíticos átonos em 60 textos, distribuídos conforme seis gêneros textuais. Os resultados indicaram a predileção ao uso da próclise nos gêneros: Entrevista, Artigo de Opinião e Tirinha. Outrossim, nós verificamos que a ocorrência da mesóclise se apresenta nula nos gêneros textuais com as seguintes tipologias: informativa, opinativa e interpretativa.

Palavras-chave: Sociolinguística Educacional; Ensino de Língua Portuguesa; Norma Culta do Português Brasileiro; Colocação pronominal.

¹ Doutoranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil. *E-mail:* kauanascabori@uel.br

² Doutoranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil. *E-mail:* flavia.pereira.serra@uel.br

³ Doutorado em Hermenêutica Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, Paraná, Brasil. Professor de Filosofia Temporário pela SEED/PR, Paraná, Brasil. *E-mail:* joannescarlus@hotmail.com

Abstract

Adaptation to enclitic cases in Brazilian Portuguese, hereinafter referred to as BP, has been shown to assume a proclitic change even in contexts that require the use of the pronoun in enclitic form. This fact is demonstrated by studies such as those by Mattos e Silva (2004) and Vieira (2013), that focus on the aforementioned ‘linguistic change’. The case of pronominal placement goes through the regiment of canonical regulations, imposed by sixteenth-century grammar, which culminates in teaching units far from the students’ linguistic reality (BORTONI-RICARDO, 2005; FARACO, 2008). The article is based on the theoretical-methodological assumptions of Educational Sociolinguistics and the Pedagogy of Linguistic Variation (FARACO, 2008; VIEIRA, 2019). That said, this scientific text, motivated by the aforementioned problem, aims, in a general perspective, to analyze whether there is vitality to the proclisis, mesoclis and enclisis in texts of standard BP in different textual genres. Therefore, the specific objectives consist of: (i) verifying the pronominal placement in texts according to the genres Article of Opinion, Charge, Interview, News, Propaganda and Comics; (ii) investigate whether there is a high productivity of pronominal placement in the context of proclisis; (iii) display the results obtained in graphs; (iv) present a proposal for a didactic unit having the placement and pronominal change of BP as a guiding axis. To achieve the stated objectives, the methodology of the article consists of qualitative and quantitative descriptive research, which considers the position of unstressed clitic pronouns in 60 texts, distributed according to six textual genres. The results indicated a predilection for the use of proclisis in the genres: Interview, Opinion Article and Comics. Furthermore, we verified that the occurrence of mesoclis is null in the textual genres with the following typologies: informative, opinionated, and interpretive.

Keywords: Educational Sociolinguistics; Teaching; Standard Variant of Brazilian Portuguese; Pronominal placement.

Introdução

O ensino da disciplina Língua Portuguesa (LP) nas escolas avançou metodologicamente nos diferentes níveis linguísticos, no qual tem-se incorporado, desde o trabalho com gêneros da oralidade, até os gêneros escritos veiculados em diferentes meios, no ambiente de ensino-aprendizagem. Dessa forma, infere-se que a mudança mais significativa, até então, foi a abordagem gramatical contextualizada, que se sobrepôs às análises puramente frasais e descontextualizadas, isoladas do texto como um “todo” (plano da macroestrutura textual).

Apesar desse avanço, é possível notar, com base nas pesquisas de Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2008), Marques e Baronas (2015), entre outras, que a escola ainda apresenta dificuldades no que tange ao ensino de LP consciente do trabalho com a variação linguística. Uma vez que o ensino isolado da norma padronizadora dificulta e distancia o trabalho didático dos professores para o desenvolvimento de uma abordagem satisfatória

da variação linguística, torna-se evidente um ensino pautado em uma norma padrão rígida e com uma visão homogênea da língua.

Nota-se que, frequentemente, o conceito de *Norma Culta* é confundido e/ou mal interpretado pelos puristas da língua, atribuindo à norma citada uma noção equivocada das práticas linguísticas e, assim, que resultam na nomenclatura: *Norma Curta* (FARACO, 2008). No entanto, existe uma diferenciação entre elas (*Norma Culta* e *Norma Curta*), que se mostra de grande importância para o ensino da LP e para uma aprendizagem mais produtiva e contextualizada, na qual considera-se a heterogeneidade dialetal.

A *Norma Culta*, por outro lado, refere-se à variedade em uso, utilizada em situações mais formais, por grupos sociais mais relacionados à cultura letrada/escrita, e por aquela que detém maior poder social. Essa é a norma frequentemente adotada em textos escritos, jornais, palestras, entre outros meios. Assim, a norma culta, que de fato caracteriza o uso real da língua, diferencia-se da

norma padrão por contemplar variedades linguísticas da realidade urbana e escolarizada dos falantes, como o caso da colocação pronominal no PB.

Assim, cabe esclarecer que a *Norma Padrão*, a qual é regida pelos preceitos da gramática normativa, consiste em um conjunto de regras padronizadoras da língua e de caráter homogeneizador, isto é, que visa neutralizar as variações, controlar as mudanças e, conseqüentemente, unificar a língua. Criada com base nos padrões europeus e na escrita literária clássica do século XVI, a respectiva norma do Português Brasileiro (PB) distancia-se do uso real da língua, sendo considerada artificial e abstrata (FARACO, 2008).

Na Língua Portuguesa, os pronomes clíticos podem assumir posição proclítica (anteposto ao verbo), enclítica (posposto ao verbo) e mesoclítica (entreposto ao verbo), que, segundo a gramática normativa, devem estar de acordo com diversas regras, determinadas por restrições gramaticais. Contudo, no que tange à língua em uso, nota-se que, no PB, ocorre preferência pela próclise, mesmo em contextos gramaticais desfavoráveis, fator este que se difere do uso dos clíticos no Português Europeu (PE).

Esses fatores, assim como a percepção de que existe um distanciamento entre a prescrição gramatical e a realidade linguística brasileira, levaram-nos a investigar a colocação pronominal em textos de norma culta de ampla circulação. Uma vez que, apesar desse hiato refletir-se no ensino, dificilmente, vemos questões como a citada sendo discutidas livremente em sala de aula. Dessa forma, com este artigo, propomo-nos averiguar se existe vitalidade à próclise, mesóclise e ênclise em textos da Norma Culta do PB em distintos gêneros textuais.

A partir dos resultados, sugerimos uma unidade didática a ser desenvolvida no Ensino Fundamental da Educação Básica, cujo foco centrase no trabalho com as três posições pronominais autorizadas pela gramática da LP, com prioridade para mudança pronominal no PB e a aplicação da próclise, visto que esta se apresentou mais

produtiva em alguns dos gêneros selecionados. Logo, por meio da proposta de uma norma de referência flexível, colocada por Faraco (2008), expomos as possibilidades de apresentar aos alunos os processos de mudança pelo qual a colocação pronominal tem passado no PB, e que pode ser comprovado empiricamente, ao focarmos na realidade linguística brasileira.

Norma Culta e Norma Padrão à luz dos pilares sociolinguísticos em educação

As adequações referentes à norma padrão e à prática de uma pedagogia da variação linguística têm sido discutidas em diversos trabalhos, como os de Mattos e Silva (2004), Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2008), Marques e Baronas (2015), Zilles e Faraco (2015), Ciranka (2016), Bortoni-Ricardo (2020) e Faraco (2020), com intuito de ampliar a discussão levantada pela Sociolinguística Educacional frente à realidade linguística brasileira e o atual ensino de LP.

Esses autores explicitam a necessidade de propor práticas pedagógicas correlacionadas com a diversidade linguística dos falantes, a partir do olhar para a heterogeneidade dialetal que se reflete nas investigações fonéticas, sintáticas e morfológicas. Todavia, um dado por vezes destacado é o fato de professores da Educação Básica, comumente, não apresentarem o domínio pleno da norma padrão, logo, nem mesmo preocupam-se com a realidade linguística dos alunos (BORTONI-RICARDO, 2020).

Para confirmar esse paradoxo da pedagogia da gramática na escola, Mattos e Silva (2004) apresenta quatro tópicos para a discussão em torno da variação, da mudança, da norma e de sua relação com o ensino de LP nas escolas, partindo do movimento iniciado ainda no século XVIII. Assim, no artigo “O português são dois”, a autora traz concepções preliminares da variação linguística em torno das inadequações voltadas especificamente para o caso da colocação pronominal no PB, presentes tanto na fala quanto na escrita dos alunos.

A estudiosa ressalta o rearranjo do sistema pronominal como um dos casos da sintaxe brasileira que divergem da norma padrão do PB, o qual acarreta outras estruturas linguísticas não condizentes com a forma normativa, por exemplo, objetos nulos, sujeitos lexicais, a relativização, a ordem da estrutura canônica (sujeito, verbo e objeto) e o caso do desaparecimento do acusativo na 3ª pessoa. Para a autora, a escola tem preservado justamente esta última estrutura, que se trata do clítico acusativo (Eu **a** estimo desde sempre, para: Eu estimo **ela** desde sempre), culminando em certo artificialismo linguístico, uma vez que 70% dos informantes utilizam a estrutura sintática: “eu gostaria de ter visto **ele**” ao invés de “eu gostaria tê-**lo** visto”, de modo a não fazer uso do pronome pessoal e/ou a marcação da posição de ênclise (MATTOS E SILVA, 2004, p. 145, grifos nossos).

As mudanças pronominais, interpretadas no presente artigo como o caso proclítico atrelado à colocação e concordância, compreendem-se como uma falha no nível de desenvolvimento e escolarização pelo qual o Brasil passou (MATTOS E SILVA, 2004). Situação esta que resulta em níveis de formação acadêmica, isto é: séries escolares e anos da graduação que vão até o processo de formação continuada, que ocorre em uma pós-graduação, portanto, implicando em etapas e/ou estágios da vida escolar (MATTOS E SILVA, 2004).

Esse fato ocorreu, justamente, porque, em 1824, o ensino passou a ser universal e obrigatório em todo o território nacional. Outrossim, concomitante com a implementação da educação para todos, surgiu a normatização linguística e a padronização do ensino de LP nas instituições de ensino (MATTOS E SILVA, 2004).

Ainda na visão da autora, os trabalhos sociolinguísticos debruçados na variação do português falado e escrito – como a proposta do Projeto NURC⁴ sobre as descrições em torno da norma culta – evidenciaram o cenário linguístico e social

desigual do País, devido à falta de concordância existente entre a norma utilizada pelo aluno e a norma adquirida por ele na escola.

Bortoni-Ricardo (2004) aponta para o prestígio exercido por um fenômeno linguístico diante da comunidade ou classe social que faz uso do respectivo caso de variação, aclarando o fato da atribuição de prestígio ou desprestígio linguístico à fala de um grupo. Para a autora, o preconceito linguístico perde sua força quando o topo da pirâmide social (a classe mais elevada economicamente) passa a empregar em sua fala variantes que antes eram estigmatizadas, tornando-as parte de uma norma prestigiada, isto é, da norma culta. Esse fator acontece quando os falantes criam convenções comuns para os fenômenos linguísticos que estão sendo aceitos por todos os envolvidos no processo comunicativo, como, por exemplo, o caso da colocação pronominal (*eu o vi, por: eu vi ele, ou, ainda, eu vi Ø*).

Dessa forma, frente à realidade de linguística dos falantes e às forças centrípetas que imprimem poder linguístico, Faraco (2008) destaca que no interior da política linguística da variação precisa emergir, o quanto antes, uma pedagogia da norma de referência que desmistifique esse falar padronizado, assim como é o caso do quadro geral pronominal na variedade brasileira.

Referente à colocação pronominal no PB, que é o objeto de investigação do presente artigo, deparamo-nos com uma ampla reflexão frente à posição proclítica no PB, pois Castilho (2010, p. 484) apresenta, em sua obra “Nova Gramática do Português Brasileiro”, a colocação enclítica como fator categórico na fala e na escrita do PE, enquanto, no PB, verifica-se recorrência do uso proclítico, o que resulta em mudanças na estrutura sintática, marcando, assim, um período de inovações linguísticas.

Vieira (2013), ao investigar as correções gramaticais efetuadas pelos professores acerca da

⁴ Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro.

colocação pronominal na escrita de alunos, constatou um alto índice de correção (50%) quanto ao uso da próclise em início de oração, ressaltando que a respectiva norma padrão vigente não condiz com o uso feito pelos estudantes. Para a autora, essa avaliação realizada pelos professores foi considerada, em sua totalidade, como negativa, isto é, com a atribuição de um falar errado. Assim, nas palavras da pesquisadora, “isso significa que a próclise em início de oração/período ainda é marcada no contexto escolar escrito, provavelmente, devido à avaliação negativa dos professores, que não coincide com a avaliação dos estudantes que a utilizam” (VIEIRA, 2013, p. 9).

Em resumo, verifica-se que a relação bipartida entre a língua e o fator socioeconômico culminou na polarização social e na não aceitação da variante utilizada pelo aluno em sala de aula. Isso acontece devido a uma norma padrão inflexível, resultado de um redesenho demográfico brasileiro que impactou a realidade linguística ao atribuir o falar “certo” e o falar “errado” (FARACO, 2020). Dessa forma, como bem adverte-nos Faraco (2020), cabe ao professor conquistar o coração dos alunos para que estes possam contemplar a beleza intrínseca da variação, na qual nenhuma variedade é superior a outra, mesmo que existam camadas do ponto de vista dos critérios sociais, fazendo a norma de referência emergir das normas cultas faladas, e não de normas artificializadas.

Materiais e métodos

Para que fosse possível observar a colocação pronominal de pronomes átonos em gêneros de livre circulação e elaborar uma unidade didática para a abordagem do assunto em sala de aula, dividimos a pesquisa em quatro etapas, a saber:

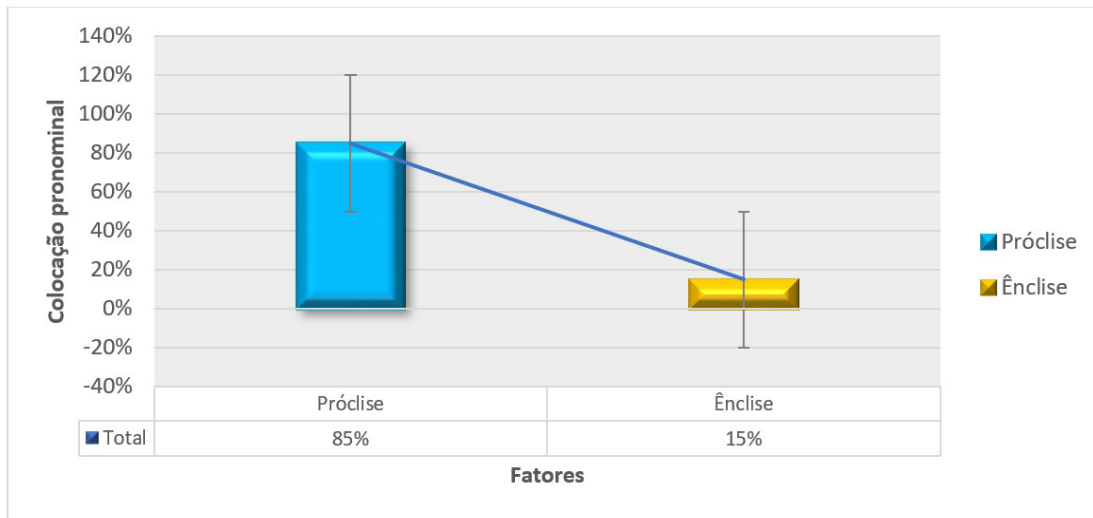
- (i) Pesquisa bibliográfica: realizada por meio da leitura de livros e artigos científicos na área da Sociolinguística Educacional, e de colocação pronominal no PB;

- (ii) Coleta e catalogação de dados: realizadas a partir da observação de 60 textos, distribuídos igualmente entre os gêneros Artigo de Opinião, Charge, Entrevista, Notícia, Propaganda e Tirinha. Foram selecionados textos publicados em *sites* jornalísticos, como “Folha de S.Paulo”, “BBC Brasil”, “G1”, “Gazeta do Povo”, “Estadão” e “The Intercept Brasil”; e revistas “Superinteressante”, “IstoÉ” e “Fórum”; entre outros, no período de 2015 a 2020. Os dados foram organizados em uma planilha do Excel para facilitar visualização;
- (iii) Análise: os resultados foram obtidos por meio da rodada de dados no programa Plataforma R (RStudio), no qual pudemos verificar a frequência de próclise e ênclise (não houve realizações de mesóclise) em cada gênero textual;
- (iv) Elaboração de uma unidade didática: com base nos resultados da análise, elaboramos uma unidade didática composta por atividades sequenciais, a serem realizadas em duas aulas, sobre colocação pronominal no PB, no âmbito da Sociolinguística Educacional.

A seguir, exibiremos os resultados da pesquisa, que correspondem à expressão de próclise e ênclise em diferentes gêneros textuais.

A colocação pronominal em gêneros textuais do Português Brasileiro: ‘O que se encontrou agora?’

Para análise do *corpus*, fizemos uma rodada de dados na Plataforma R, a fim de verificar a frequência de ênclise e próclise, primeiramente de forma absoluta, considerando todos os dados, e, posteriormente, a distribuição por gênero textual. Assim, no Gráfico 1, a seguir, verificamos o cômputo geral de pronomes clíticos quanto à sua colocação pronominal.

Gráfico 1 - Frequência geral de próclise e ênclise nos gêneros textuais do PB.

Fonte: elaborado pelos autores, com base nos resultados obtidos na Plataforma R.

De acordo com o Gráfico 1, nota-se predominância do uso de próclise, que contabiliza 85% dos dados, 15% de ocorrências de ênclise, e nenhuma ocorrência de mesóclise, fato que corrobora a asserção de gramáticos e linguistas, como Bechara (2009) e Castilho (2010), os quais afirmam que, diferentemente do PE, a posição proclítica é a mais recorrente no PB na atualidade.

Essa preferência já é ratificada principalmente no português falado, como demonstra os dados de Vieira e Freire (2014), dos quais 89% correspondem às ocorrências de próclise. Já em relação à variedade escrita, Vieira (2002) aponta

frequência similar entre as duas posições clíticas – 54% próclise e 46% ênclise – em construções com uma só forma verbal. No entanto, nossos dados mostram que, assim como na fala, a posição proclítica destaca-se de modo considerável em textos escritos, diferentemente da realidade de anos atrás, como indicam os dados de Biazolli (2009), nos quais há predomínio de ênclise em textos jornalísticos do século XIX.

Na seqüência, na Tabela 1, apresentamos os dados estratificados conforme o número/percentual total de ocorrências encontradas para cada gênero textual:

Tabela 1 - Distribuição de ocorrências da próclise e da ênclise em número absoluto e a equivalência em porcentagem das realizações nos gêneros textuais.

Gênero textual	Nº de textos	Próclise	Ênclise	Ocorrências
<i>Artigo de Opinião</i>	10	51 (14%)	9 (3%)	60
<i>Charge</i>	10	10 (3%)	4 (1%)	14
<i>Propaganda</i>	10	7 (2%)	3 (1%)	10
<i>Entrevista</i>	10	183 (51%)	18 (5%)	201
<i>Notícia</i>	10	39 (11%)	16 (4%)	55
<i>Tirinha</i>	10	13 (4%)	3 (1%)	16
Total	60	303 (85%)	53 (15%)	356

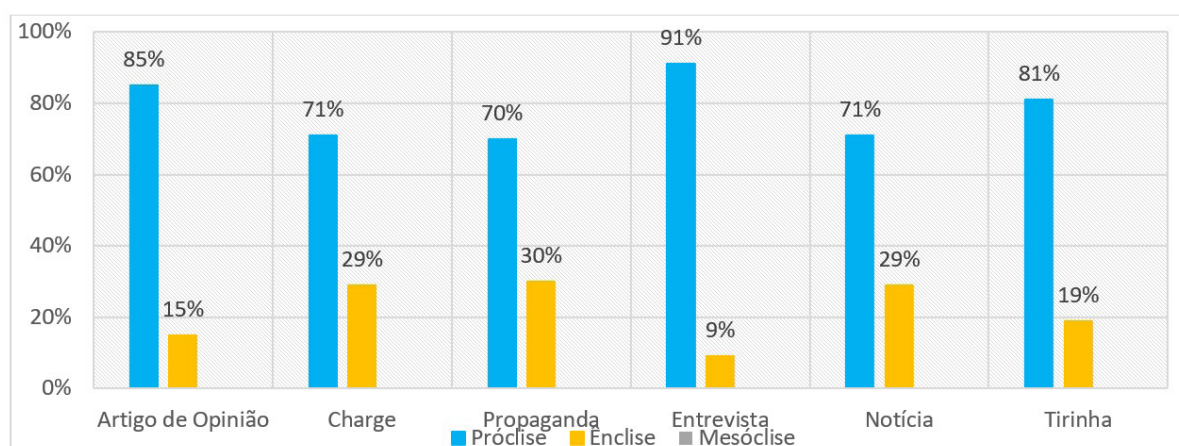
Fonte: elaborado pelos autores, com base nos resultados obtidos na Plataforma R.

A Tabela 1 indica a distribuição dos dados por gênero textual em número real, do lado esquerdo, e a porcentagem equivalente ao número absoluto, do lado direito. Esse resultado ajuda-nos a compreender a quantidade de dados obtidos em cada gênero e a posição pronominal, facilitando a visualização e o entendimento dos gráficos seguintes.

No Gráfico 2, verificaremos que a Entrevista é o gênero com maior ocorrência de pronomes clíticos, contabilizando 201 casos. Desse total, houve

183 realizações de próclise e apenas 18 casos de ênclise. É válido ressaltar que de todos os textos selecionados para a pesquisa, apenas o gênero Entrevista e uma tirinha apresentaram casos de próclise com desvio da norma padrão (total de 8 ocorrências), possivelmente por conta da maior aproximação desses gêneros com a língua falada. Abaixo, o Gráfico 2, com as ocorrências da posição pronominal nos seis gêneros textuais para demais observações:

Gráfico 2 - Colocação pronominal segundo a distribuição por gêneros textuais.



Fonte: elaborado pelos autores, com base nos resultados obtidos na Plataforma R.

De acordo com o Gráfico 2, constata-se, por meio da distribuição em porcentagem para cada gênero, que a Entrevista, na modalidade escrita, foi o gênero com contexto mais favorável para a realização da próclise, com ocorrência de 91% do pronome anteposto ao verbo e 9% do pronome posposto ao verbo. A partir do Gráfico 2, verifica-se também que o Artigo de Opinião apresentou o segundo contexto mais favorável para a próclise, 85%, seguido da Tirinha, 81%, da Charge e da Notícia, com 71%, sendo a Propaganda a responsável pela maior ocorrência da ênclise, 30%, e pela baixa porcentagem da próclise, 70%, quando comparada com os outros gêneros textuais.

Esses resultados mostram-se interessantes, visto que a Entrevista, cujo gênero contempla a maior porcentagem para a próclise, é o gênero mais próximo da oralidade e do processo de interlocução,

justamente por existir um emissor e um receptor que intercalam papéis no decorrer da conversa, nesse caso, realizando a adequação linguística de acordo com o tema abordado no momento da entrevista. Já o cômputo apresentado para o gênero Tirinha e Artigo de Opinião tiveram resultados semelhantes, o que nos leva a observar as especificidades de cada gênero, uma vez que ambos veiculam uma opinião.

Na visão de Ramos (2006), a oralidade pode ser ensinada por meio do gênero Quadrinho, pois possibilita o trabalho quer com a representação da fala, quer através dos balões que compõem o texto não verbal, quanto das expressões físicas dos rostos das personagens. Essa oralidade, recorrente em Tirinhas, pode indicar uma motivação para ser este o gênero com o terceiro maior percentual de próclise, retratando, a partir da reflexão e opinião do autor, a realidade linguística brasileira.

Espera-se do Artigo de Opinião uma característica mais formal, uma vez que se encontra no espaço do jornal destinado a críticas, opiniões e sugestões de figuras letradas em alguma área do conhecimento em discussão. Contudo, constatou-se nos textos opinativos analisados que o uso da próclise foi o segundo mais elevado, indicando, possivelmente, uma preocupação maior com o assunto em debate do que com o refinamento da linguagem.

Referente aos gêneros Notícia, Charge e Propaganda, identifica-se uma redução de mais de 10% na ocorrência da próclise. Nesta análise, o gênero que mais manteve a ênclise foi a Propaganda, possivelmente por apresentar texto mais objetivo, com verbos no imperativo, como, por exemplo, “Nova linha Cuide-se Bem / faça isso por você”, ou “inscreva-se na promoção”. Além da Propaganda, o gênero Notícia também manteve recorrência quanto ao uso da ênclise, como nos verbos “preservando-se”, “encontra-se”, “conhecê-la”, “uniu-se”, “formou-se”, entre outros. Já nas Charges empregou-se tanto a ênclise “Dai-me forças...”, quanto a próclise “Me mandaram te procurar [...]”, sendo que a segunda oração faz referência à figura de um pastor que pede dízimo, e a primeira retrata um pássaro em um galho de uma árvore.

Essa representação da fala parece retratar não apenas a oralidade de uma conversa rotineira, aos moldes das orações feitas por algumas religiões, como, também, parece relacionar a posição da colocação pronominal com o lugar de fala das personagens. Nesse caso, partindo de um único gênero, é possível levantar várias reflexões e promover situações que levem os alunos a refletir sobre essa língua em uso, sobre as razões pelas quais o autor do texto empregou determinada posição do pronome, entre outras leituras, assim, proporcionando a pedagogia atenta e sensível.

A seguir, é exibida a proposta de nossa unidade didática para o trabalho contextualizado acerca da colocação pronominal, considerando os gêneros da esfera textual abordados aqui.

Proposta de uma unidade didática: para aplicabilidade da pedagogia da variação

A aplicação desta unidade didática considera o período previsto para três aulas de Língua Portuguesa (LP), não geminadas, direcionadas ao 9º ano do Ensino Fundamental da rede pública de ensino, cujo tema corresponde à colocação pronominal no PB em textos escritos na modalidade culta da norma linguística. A mudança pronominal diacrônica também é considerada como pano de fundo aos debates e interações aluno/professor em torno da temática proposta no presente artigo.

Para as etapas sugeridas, a professora poderá fazer uso de ferramentas físicas como: revistas, jornais impressos e panfletos, assim como os recursos digitais, como, por exemplo, o computador da escola, os quais contemplarão as revistas e/ou *e-books* gratuitos veiculados na esfera midiática. Esses itens fazem-se imprescindíveis, dado que a professora poderá explorar a leitura dos gêneros analisados neste artigo em proposta à atividade sobre a colocação pronominal, que exerce sua relação à medida que o aluno registrará quais são os casos (proclíticos, mesoclíticos e enclíticos) mais recorrentes nos gêneros da esfera escrita e da oralidade, como no caso da entrevista final.

Unidade 1 – Apresentação do tema: instigações pronominais

Inicialmente, nesta primeira etapa, será apresentado aos alunos um dos textos mais antigos escritos em LP, como a carta que relata o Testamento de D. Afonso II, datada em 1214. Isso nos possibilita explicar aos alunos a função dos pronomes tanto no plano da frase como também na macroestrutura textual, isto é, sua função no conteúdo do texto transmitido como um todo.

Na sala de aula, os alunos podem estar munidos de uma cópia impressa da transcrição do texto original, feita por Costa (2013, p. 1), e assim, em duplas, cada uma deverá localizar os pronomes pessoais e demonstrativos presentes no texto.

Eis a transcrição da carta de D. Afonso II, encontrada na Torre do Tombo, a ser disponibilizada aos alunos:

[1] em'o a nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal assado sano e saluo, temẽte o dia de mia morte, assade de mia alma e a proe de mia molier raina dona Orraca e de me(us) filios e de me(usassalosos e de toido meu reino fiz mia mãda p(er) q(eu) de- [2] pos mia morte mia molier e me(us) filios e meu reino e me(usassalosos e todas aemue) las cousa q(eu) De(us) mi emu en poderemten eempaz e en folgãcia. P(em)meiram(en)te mão q(eu) meu filio infãte don Sancho q(eu) ei da raina dona Orraca agia meu reinoemntegema) m(en)te e en paz. E ssi este for [...]. (COSTA, 2013, p. 1).

Para ampliar a relação entre os elementos gramaticais e o conteúdo do texto, a professora pode tecer as seguintes perguntas aos alunos: Do que se trata o texto feito por Don Afonso II? Qual o conteúdo do texto? A partir da leitura do testamento, vocês identificam as palavras que remetem aos nomes/objetos já informados? Por que isso acontece no texto? Nós poderíamos dar um nome a essa palavra a qual carrega essa função textual? E, qual seria esse nome? Ao aguardar as respostas e interação, teríamos: Quais os pronomes mais recorrentes em um testamento? Vamos retomar a função dessas palavras, chamadas de pronome oblíquo?

Outrossim, para maiores interações, acrescentaríamos: Na segunda linha, o /me/ está de acordo com o /eu/? Existe uma concordância entre estas duas palavras? Ocorreu alguma mudança significativa no pronome /me/ do século XIII para o século XXI? Nós falamos igual ao texto escrito por Don Afonso II? Por que essas mudanças acontecem? Os fatores sociais e históricos têm relação com as respectivas mudanças do texto? Por que é importante compreendê-las? Dentre outras questões, para ensinar o conteúdo gramatical de forma contextualizada, levando em consideração a reflexão feita pelos próprios alunos, de modo a avaliar o que pode ser mais bem trabalhado nas próximas aulas.

A professora pode, ainda, retomar os exemplos apresentados pelos alunos no primeiro momento desta etapa, por meio da identificação e maiores explicações sobre os pronomes oblíquos átonos e tônicos. Assim como reposicionar os elementos em um enunciado (sujeito/verbo/objeto) e identificar quais os casos em que estes podem aparecer antes do verbo, como exposto na Figura 1, a seguir:

Figura 1 - Introdução ao conteúdo sobre colocação pronominal.



Fonte: elaborado pelos autores.

Enfatizamos que imagens e recursos pedagógicos como computadores, um retroprojeto, ou mesmo, os próprios celulares dos estudantes podem auxiliar a professora durante a aula, pois proporciona aos alunos um ensino por meio de variadas ferramentas tecnológicas e digitais. Dessa forma, seguimos para a segunda aula, que contempla a colocação pronominal em gêneros de linguagem verbal e não verbal.

Unidade 2 – Análise de materiais e proposta avaliativa

A próxima etapa, que deve ser desenvolvida na segunda aula, consistirá em mostrar para os alunos – responsivos ativos no processo de ensino e aprendizagem – a colocação dos pronomes em textos veiculados em jornais e revistas da atualidade (quer impressas, quer em meio digital), como, por exemplo, em campanhas e letras de músicas referentes à temática ‘Inverno’.

A partir da colocação pronominal em frase, como: “quero que me aqueça”, ou, ainda, “me aqueça neste frio”, explicar-se-á aos alunos que a prescrição gramatical sugere/solicita que o pronome oblíquo (me) esteja depois do verbo, o qual se encontra flexionado no modo imperativo e anteposto por um pronome relativo. A professora poderá perguntar se é comum falarmos utilizando este fragmento (destacando o pronome oblíquo átono com o pronome oblíquo átono antes do verbo), e se essa forma muda o sentido da frase, de modo a levantar, juntamente com a turma, demais problemáticas no decorrer da aula.

Em suma, cabe à professora expor para a classe mais exemplos, encontrados nos meios midiáticos, com intuito de aproximar o discente das normas prescritas pela gramática e contextualizá-lo de uma realidade linguística multifacetada e heterogênea, que não acompanha necessariamente a forma normativa por diversos fatores extralinguísticos, como bem alertou-nos Faraco (2008).

De acordo com Furtoso (2011), avaliar é um processo integrador que visa diagnosticar, controlar e classificar os resultados processuais dos alunos por meio de instrumentos adequados de avaliação, isto é, dar ênfase para o processo do aluno, com intuito de a professora verificar e acompanhar seu desenvolvimento no decorrer da sequência de ensino e aprendizagem, sendo assim, denominada *avaliação formativa*.

Destarte, após as explanações e encaminhamentos metodológicos do assunto abordado em sala (o caso da colocação pronominal), nas duas primeiras aulas, a professora proporá, ao final da segunda aula, que os alunos desenvolvam uma reportagem em seus respectivos bairros, para que eles entrevistem oralmente um morador da primeira faixa etária (15 a 24 anos) e outro da segunda (50 a 65 anos); destaca-se que tal entrevista deverá ser registrada, primeiramente, em áudio e, em momento posterior, transcrita. As entrevistas transcritas serão compartilhadas com os demais alunos e, dessa forma, a *avaliação formativa* materializar-se-á na avaliação a ser realizada pelos estudantes em conjunto.

Para além do resultado frente à colocação pronominal em multifacetados gêneros textuais, o objetivo da atividade consiste em guiar os estudantes a notarem as distinções entre a fala e a escrita, com foco nos pronomes utilizados no PB, e, também, como as pessoas de faixas etárias distintas usam o referido fenômeno em análise de modo variado com a sua própria comunidade de fala. Logo, para que a partir dessa proposta, os discentes identifiquem na prática o que estudaram teoricamente (a colocação pronominal contextualizada) e como esta ocorre em várias formas de uso (oral e escrito), de forma a promover a compreensão ampla da apropriação gramatical, permitida pela própria língua, além de instigar o olhar respeitoso para com os seus falantes.

Para tanto, sugerimos a realização da entrevista seguindo o modelo proposto para uma pesquisa sociolinguística, como exposto nos exemplos, a seguir, que são adaptações às perguntas temáticas de discursos semidirigidos do questionário ALiB (2001):

1. Você percebe alguma diferença na língua falada pelos moradores das cidades vizinhas em relação à fala da sua cidade? (Falar o nome da cidade).
2. Você conhece algum morador desta rua que fale diferente? (Pedir exemplo para o participante da pesquisa).
3. De quem é aquela casa ali, no final da rua? (Apontar para uma casa próximo ao local da entrevista).
4. Você viu o _____ (Falar nome do vizinho citado em 3. ou o nome de outra pessoa, e contextualizar a conversa)? Quando? Vocês são próximos?
5. Quem é a pessoa que você considera mais próxima? Você costuma pegar coisas emprestadas ou emprestar algo para ela? Conte alguma história que já aconteceu com vocês em relação a isso.
6. Você gosta de morar aqui? Comente sobre algo do bairro (falar nome do bairro)

que careça de alteração e/ou precise ser revisto pelo prefeito de nossa cidade – (Estilo de produção – gravação).

Além da entrevista, outra sugestão de avaliação consiste na realização de uma pesquisa em textos reais, publicados em revistas, livros, jornais e demais materiais impressos, com o objetivo de avaliar se os alunos conseguem identificar os pronomes e suas respectivas colocações de forma autônoma. Desse modo, com intento de uma avaliação formativa para instigá-los ao processo de reflexão, por meio de uma atividade empírica (contagem dos casos de próclise, mesóclise e ênclise), poder-se-ia avaliar quando os casos de próclise ocorrem e em quais contextos linguístico-textuais da Norma Culta estes fazem-se mais presentes.

Para tanto, após fazer uma revisão do tema, a professora pediria aos alunos que estes formassem grupos, nos quais cada equipe receberia uma cartolina, tesoura e cola. Os discentes serão instruídos a escrever em seus cartazes o título *Caça aos pronomes*, e, assim, fazer três colunas, com os respectivos títulos: próclise, mesóclise e ênclise. Em seguida, deverão marcar as colocações com grifos e recortar o período morfossintático no qual uma das referidas colocações aparecem e, para tanto, colá-lo no cartaz, a ser distribuído em uma das três colunas.

Durante a confecção dos cartazes, a professora deverá visitar os grupos, a fim de acompanhar e constatar se os alunos apresentam dificuldades e/ou dúvidas, dessa forma, para instigá-los a refletirem sobre a posição pronominal nos textos que encontraram. Isto é, que mais se destacou, quais gêneros textuais suscitaram maior aparecimento de determinada colocação e motivo pelo qual isso provavelmente aconteceu.

Em fase final do processo, os grupos serão convidados a apresentar seus cartazes à turma, evidenciando suas descobertas durante a caçada aos pronomes. Isso posto, inicialmente, deverão falar sobre o texto escolhido (temática, público-alvo e outras informações); posteriormente, os discentes

deverão mostrar exemplos, falar sobre a colocação pronominal que mais destacou, e quais são suas reflexões acerca do caso gramatical em estudo no contexto de Norma Culta em uso.

Após as apresentações, caso seja necessário, a professora poderá retomar a reflexão/conversa de modo a pedir que os alunos comentem o que acharam da experiência e exponham suas dificuldades em realizar a tarefa. Ao final, a professora encerrará a avaliação com destaque de como a língua em uso não está engessada em uma Norma Padrão inflexível, mesmo tratando-se da Norma Culta.

Em suma, a professora precisa lembrar que a Norma Padrão não deve ser menosprezada ou esquecida, e, sim, revista como um ponto de referência a ser observado mediante às intenções comunicativas do falante/escritor.

Considerações finais

De acordo com os resultados obtidos no presente artigo, verificamos que a posição proclítica se mostrou recorrente nos seis gêneros textuais investigados – atestados por demais pesquisas sociolinguísticas, como de Mattos e Silva (2004), Vieira (2019), dentre outros – evidenciando o favorecimento à próclise, mesmo diante do contexto linguístico da norma culta. A partir dessa constatação, foi possível elaborar uma unidade didática alinhada à pedagogia da variação linguística proposta por Faraco (2020), que possibilitou refletir sobre a abordagem de conteúdos gramaticais de forma mais prática e condizente com a realidade linguística atual.

Nossos resultados confirmaram a importância de ser ensinada a LP sob a perspectiva teórica e metodológica da Sociolinguística Educacional, uma vez que, mediante os preceitos da respectiva área, a professora pode mostrar ao aluno a necessidade de conhecer e compreender de modo contextualizado o padrão linguístico. Essa prática permitirá o desenvolvimento da pedagogia da variação linguística sensível, possibilitando ao estudante desenvolver o respeito pelas demais

normas que compõem sua variedade linguística (FARACO, 2008).

Este artigo buscou contribuir para com as propostas de ensino dos professores da LP, de modo a motivar o interesse pela área da variação linguística e pela investigação de novas práticas de trabalho em sala de aula, partindo do contexto de fala dos alunos. Dessa forma, esperamos que outros artigos possam surgir pautados na busca por uma norma de referência, como já nos advertiu Faraco (2008), assim, favorecendo um ensino de LP mais efetivo e atencioso para com a realidade linguística do ambiente escolar.

Referências

- BECHARA. E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BIAZOLLI, C. C. A colocação pronominal à luz das relações entre a variação e mudança linguísticas e gêneros textuais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: ABRALIN, 2009. V. 1, p. 651-660.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Existe uma única forma de falar “certo”?* 20 maio 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3X2zneH>. Acesso em: 2 jun. 2020.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegamos na escola, e agora?* sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COSTA, A. J. *Os mais antigos documentos escritos em português: revisão de um problema histórico-linguístico*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3Qfg0x1>. Acesso em: 21 abr. 2020.
- CYRANKA, L. Sociolinguística aplicada à educação. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. (org.). *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 167-176.
- FARACO, C. A. *Minicurso Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3CodWgh>. Acesso em: 12 maio 2020.
- FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FURTOSO, V. A. B. *Desempenho oral em português para falantes de outras línguas: da avaliação à aprendizagem de línguas estrangeiras em contexto online*. 2011. Tese (Doutorado Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011.
- MARQUES, T. M.; BARONAS, J. A. Pedagogia da Variação Linguística: por uma abordagem heterogênea da língua a fim de minimizar o preconceito linguístico. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 18, n. 1, jun. de 2015. p. 283-308. Doi: <http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2015v18n1p283>
- MATTOS E SILVA, R. V. *O português são dois: variação, mudança, norma e a questão do ensino de português no Brasil*. São Paulo: Parábola, 2004.
- RAMOS, P. É possível ensinar oralidade usando histórias em quadrinhos? *Revista Intercâmbio*. São Paulo, v. 15, p. 1-11, 2006.
- VIEIRA, E. S. *Se inicia oração com pronome clítico? atitudes linguísticas, na escola, em relação aos padrões brasileiros de colocação pronominal*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.
- VIEIRA, E. S.; FREIRE, G. C. Variação morfosintática e ensino de português. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. *Ensino de português e Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 81-114
- VIEIRA, S. R. *Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em português*. 2002. 441 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- VIEIRA, S. R. Para uma norma padrão flexível no contexto escolar: contribuição dos estudos sociolinguísticos. In: VIEIRA, M. S. M.; WIEDEMER,

M. L. (org.). *Dimensões e experiência em Sociolinguísticas*. São Paulo: Blucher, 2019. Cap. 12, p. 243-264.

ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Recebido em: 5 nov. 2022

Aceito em: 5 dez. 2022

